

Day 014 - Os últimos resquícios de Sol

Estou no escuro há tempo demais. Faz dias — ou meses, não sei — desde que vi os últimos raios solares pela pequena janela da minha astronave. Esse astro gigante e vermelho parecia tão, mas tão distante, visto daqui de Saturno, que tudo o que eu tinha era vagas memórias de brincadeiras que eu fazia junto de Horácio. Talvez agora eu também seja uma vaga memória, uma vaga promessa que talvez não se concretize, eu não sei dizer ao certo. Diantes desses anéis, tudo o que me resta são memórias, dados, logs corrompidos e mensagens estranhas. Tenho que me lembrar de quem eu sou, e preciso vencer essa maratona, calada, mesmo que todos duvidem de minha capacidade.

Há algum tempo venho recebendo algumas mensagens preliminares de um novo gerente da divisão espacial da PURR-Corps, um tal de Capitão Sinatra, responsável por viagens espaciais e recursos interpostos por astronautas e astrofísicos. Depois de meses aqui, me chegaram correspondências duvidando do meu trabalho, da minha pesquisa, até mesmo do meu propósito. Eu não deveria aceitar essas ordens, e o que eles poderiam fazer? Cortar meu intercomunicador? Isso seria um sonho! Parar de responder mensagens frívolas e mensagens descabidas sobre assuntos que já se passaram há dias. Para uma mensagem chegar até mim, dura cerca de 72 horas, e nesse ínterim, eu já descobri várias respostas para os questionamentos que já se tornaram obsoletos.

Preciso me manter firme, e manter minha consciência cada vez mais firme. Os dias passam lentamente do outro lado da galáxia, mas nem por isso minha tristeza deixa de ser menor. Minha mãe duvidou do project_CASSINI_XXIII, meus amigos me abandonaram... talvez até meu pai, se estivesse entre os terráqueos, talvez tivesse suas dúvidas quanto as minhas competências. Somente meu irmão teve a humanidade de me dar um abraço e me dizer que tudo ficaria bem, mesmo sem saber o que representava esse “tudo”. Por mais que ele diga que tudo ficará bem, ainda tenho minhas dúvidas: não é só os contatos extraterrestres, e nem o medo da desfragmentação da minha consciência, mas minha própria tristeza e força em fazer as coisas darem certo.

As maiores árvores causam as maiores quedas. Em dias onde a realidade parece me sufocar, quando a aparelhagem MOXIE parece não transferir oxigênio suficiente para dentro da cabine, eu me agacho debaixo da minha mesa... e choro. Alivio as minhas lágrimas até meu coração ficar mais leve... ou menos pesado. Isso adianta, é claro, mas parece que o dia a dia se torna mais enfadonho, toda vez que eu abro esse cockpit para deixar outro geodo energético entrar, e nada de ser uma pepita de Iridium. Enquanto isso, o Capitão Sinatra continua dando ordens corporativas, e fazendo reuniões mamíferas sobre a minha pseudo incompetência. Isso adiciona um peso extra.

Sou forte — sempre fui —, principalmente determinada com meus projetos, com a física, a matemática, a computação e a astronomia... Mas que segredos Saturno tem me revelado? O senhor do tempo, me prometendo 30 anos de solidão, tem deixado um profundo questionamento se será uma benção ou uma maldição. Se no final da trajetória eu estarei sozinha e envergonhada, ou acompanhada e ovacionada. Espero que seja a segunda opção. Tenho batalhado tanto, tenho me animado e tentado resolver ao máximo minhas questões pessoais para que nada interfira no projeto. Mas tenho continuado, tenho tentado continuar, ou, afinal de tudo, tenho tentado continuar viva. Vivendo, mesmo que um dia de cada vez, e não arrastando minha existência pelo tempo como se fosse a sobrevivência de uma consciência decadente. — **C. Astra**

